

## ***Juro: por Deus ou do banco?***

(07.05.2012)

Há décadas, quando não se pensava em videogame ou computador, as brincadeiras resumiam-se às “amarelinha”, “cabra-cega”, “esconde-esconde” e pequenas variações. Na mesma época, *juro* era apenas a conjugação do verbo jurar, na primeira pessoa do presente.

Eu juro! Foi assim que aprendi quando obrigavam-me a vestir calça azul-marinho, usar meias brancas estilo três quartos e emplastar os cabelos com “gumex”. Um tempo no qual, quão forte a ascendência da igreja católica sobre o ser humano, jurar por Deus poderia ser – como pregavam – um pecado. De tal forma é verdade que, diante do cometimento de tão repugnante heresia, éramos obrigados a bater por três vezes a mão na boca.

Assim, sem saída, as crianças recorriam a uma personagem sacra para enaltecer a veracidade das infantis mentiras. A mãe. E enalteciam o coro: *juro* pela minha mãe! Inocente, a garotada misturava, no passado, a figura da mãe com algo que viria, no futuro, a se tornar tão profano. O *juro*. É bem verdade que mãe e juro formam um binômio inaceitável, mas, passível de estabelecer relação... Basta lembrar Khalil Gilbran, o responsável por imortalizar o clichê “ser mãe é padecer no paraíso”.

Idolatrias à parte, hoje, quando economistas vivem a glória de um temporário endeusamento, a palavra *juro* passou a ter uma conotação “luciferiana”. Sua simples pronúncia é capaz de fazer arder, nas encapetadas chamas do mercado financeiro, os inaudíveis fiéis, ao que se locupletam os respeitadores banqueiros.

Como para o *juro* o céu parece ser o limite, jamais se viu tamanha e acirrada disputa por duas vogais e duas consoantes que, juntas, transformam companheiros em oponentes. No campo de batalha, abandonam as promessas conjuntas de outrora, armando-se das verdades unas de cada qual. E eles juram que estão certos.

Enquanto a discussão campeia pelos corredores planaltinos, o presente do verbo mantém-se o de sempre. Eu juro; Tu juras; Ele jura; Nós juramos; Vós jurais; Eles juram; e os bancos cobram. E cobram juros nada divinos!

Mas a maracutaia da contemporaneidade financeira insiste em lançar âncoras ao passado. No intrincado e ludibriante “economês”, teóricos de plantão agregaram ao cotidiano o vocábulo viés. É um tal de viés

de baixa e viés de alta... Egresso de um tempo onde a economia se media na caderneta do empório, e viés nada mais significava que um arremate de costura, procurei, insistentemente, a tecla viés na calculadora. E nada! As únicas que por lá permaneciam eram as nossas velhas conhecidas acompanhadas de um neologismo gráfico-capitalista. O sinal de porcentagem.

E por falar em sinal, ao se pressionar a tecla 'porcentagem', a máquina de calcular treme de medo e, como se fizesse parte de uma quadrilha de assaltantes pega em flagrante delito, finda a operação, tenta ainda justificar o resultado, quase que dizendo: - *Juro* que não é erro. É *juro*!

É exatamente nessa jura de que é juro, que a história brasileira tem, nos últimos dias, transformado-se em uma injuriante catástrofe. José Alencar (cujo nome começa com "J" de *juro*) jurou que o *juro* paira além dos céus. Já Lula (que não tem o "J" de *juro* no nome, mas tem o vice pra lá de enviesado) vive – por conta do *juro* que não balança, tampouco cai – um inferno astral político.

Como o presidente não jurou nada durante a campanha, apenas prometeu, sobra ao povo lembrar das juras que depositou nas urnas. Juras de esperança, juras de mudança, juras de confiança. E, até mesmo, juras de *juro* baixo.

Enfim, se eu *juro* e tu juras, automaticamente, nós juramos. Entretanto, com um mercado financeiro que não segue a lógica gramatical, resta-nos aceitar que o banco é *juro*.

Ora, é *juro* de banco ou banco de *juro*?

Seja lá qual for a ordem, uma coisa é certa. É *juro*!

Sendo o *juro* algo de quem se conhece a mãe, mas se desconhece o pai, sinto-me à vontade para sugeri-lo. Afinal, o conheci – atendia por João com "J" de *juro* e, diga-se de passagem, muito bem. Então...

*Juro* por Deus! Ops! Quase que, distraído, transgrido um dos Dez Mandamentos.

*Juro* pela minha mãe. É *juro*!